

MANIFESTAÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Carolina Moreira de Souza

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (E-mail: anacarolinamoreiradesouza22@gmail.com)

Ingryd Oliveira Machado

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (E-mail: ingrydomachado@gmail.com)

Andrieli de Cássia Ferreira dos Santos Treichel

Orientadora do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (E-mail: andrieli.freichel@gmail.com)

RESUMO

Este trabalho discorre a respeito da manifestação do preconceito racial nos anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja investigação consiste em identificar modos de reprodução e disseminação de racismo no âmbito escolar e práticas de combate ao racismo. A partir de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se problematizar como o professor dissemina o racismo de modo velado nos anos iniciais do ensino fundamental. Com base em autores que abordam a temática, observou-se que o preconceito racial no âmbito escolar se permeia através de reforços de estereótipos contidos nos materiais didáticos, que são utilizados pelos professores que não percebem o racismo implícito por não possuírem formação adequada. Ademais, destaca-se a importância de propostas pedagógicas antirracistas que evidenciam um ensino voltado à diversidade étnico-racial, assim como a utilização dos livros didáticos de forma crítica, a fim de evitar que o educador corrobore com práticas racistas.

Palavras-chave: Racismo. Educação. Raça. Etnia.

MANIFESTATION OF RACIAL PREJUDICE IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This work discusses the manifestation of racial prejudice in the early years of elementary school, with the aim to identify the modes of reproduction and dissemination of racism in the school environment and practices that fight racism. Through bibliographical research, our objective is to illustrate the subtle ways in which teachers perpetuate racism in the early years of elementary school. According to authors who address the theme, it was observed that racial prejudice in the school environment is permeated through reinforcement of stereotypes contained in teaching materials, which are used by teachers who do not perceive implicit racism because

they do not have adequate training. Furthermore, the significance of anti-racist pedagogical recommendations is emphasized, which showcase education geared towards ethnic and racial diversity, along with the critical use of textbooks to avoid reinforcing racist behaviors by educators.

Keywords: Racism. Education. Race. Ethnicity.

1. INTRODUÇÃO

O racismo está presente em vários âmbitos, inclusive no educacional. Logo, é preciso discutir sobre a manifestação do racismo, em destaque nos anos iniciais do ensino fundamental e a postura do educador diante das ações adotadas em sala de aula que integram de forma velada, o racismo no âmbito educacional.

Na oportunidade, cabe destacar que o racismo, preconceito racial e discriminação são termos usualmente utilizados pela sociedade como 'sinônimos', visto que a maior parte da população desconhece as particularidades de cada etimologia.

De acordo com Munanga (2005), o racismo é uma teoria de que existem raças superiores a outras, da qual considera-se que diferenças físicas, culturais, linguísticas e religiosas são inferiores. Para Almeida (2019), o racismo manifesta-se por intermédio de ações conscientes ou não, que atingem um indivíduo pertencente a um determinado grupo racial. O preconceito racial é a ideia pré-concebida de uma raça em relação a outra, sem razão objetiva ou refletida e normalmente é acompanhado de uma ação discriminatória. Discriminação racial é o ato de distinguir, separar as raças, baseado por ideias preconceituosas (VALENTE, 1998, apud, LOPES, 2005).

A escola tem um papel fundamental na busca por uma educação justa e consciente. De tal modo, colaborar para que professores, alunos, pais e a equipe escolar compreendam melhor sobre o assunto étnico-racial é objeto deste estudo. Neste sentido, é necessário reconhecer práticas racistas, para erradicar a perpetuação e reprodução do racismo no ambiente escolar.

Por conseguinte, justifica-se a pesquisa, principalmente pelo fato de a escola representada pelos educadores que negligenciam na conduta, na postura, e na tomada de decisão os posicionamentos em relação ao racismo. Em razão desta ação, questiona-se, como o professor dissemina o racismo de modo velado nos anos iniciais do ensino fundamental?

A ambiguidade se manifesta na escola, através do discurso e da prática docente. É preciso enfrentar e combater essa questão. O professor carrega consigo uma 'cultura' enraizada no preconceito, que dificulta na transparência do ensino que desvincula a adoção de práticas antirracistas. Outro fator que deve ser considerado é a retratação racista nos materiais didáticos. Esta ação vincula-se à falta de abordagem deste professor por não contemplar às diferenças culturais presentes na sociedade brasileira, o que deixa de lado a questão étnico-racial. Dessa forma, não desenvolve uma postura antirracista em sua prática pedagógica.

Outro fator evidente é a falta de formação específica que impede que o docente perceba o racismo presente no ambiente educacional e desse modo pode intensificar o número de práticas discriminatórias por parte dos alunos, que de alguma forma, acabam sendo influenciados por essas ações, veladas de racismo.

Em referência ao texto, o estudo tem como objetivo, identificar como o professor vem configurando o combate ao racismo no ambiente escolar e, de que modo reproduz e dissemina tais práticas em suas ações pedagógicas.

Para alcançá-lo, a pesquisa direcionou-se no primeiro momento retratar o contexto das práticas racistas no Brasil; observar e relatar o racismo no contexto escolar; identificar as práticas de racismo implícito nas ações do professor; verificar e relatar as formas de racismo implícito nos materiais didático-Pedagógicos; discutir a formação do professor em relação a práticas antirracistas e direcionar às práticas antirracistas.

Para alcançar os objetivos adotou-se a pesquisa bibliográfica, que conforme Marconi, Lakatos (2003, p. 158) "...é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema".

Ao final das leituras e interpretações das pesquisas, far-se-á a interpretação da pesquisa norteando como o professor atua de modo a disseminar o racismo em particular nos anos iniciais do ensino fundamental. Além de apresentar possibilidades sobre a melhor maneira de o professor abordar o racismo no âmbito escolar e, retratar o seu papel no combate à tal ocorrência.

2. AS PRÁTICAS DE RACISMO NO BRASIL

O racismo no Brasil, dissimula as ações racistas e banaliza o preconceito racial sofrido pela vítima, a favor do agressor, ou seja, naturaliza a discriminação que o negro enfrenta, a cada olhar de rejeição, a cada fala pejorativa, como se ser negro fosse motivo de vergonha ou de desvalorização de quem realmente é. No país, as pessoas negras continuam imperceptíveis, da mesma forma que sua participação na sociedade.

De acordo com Gadea (2013), o racismo pode ser definido como uma forma metódica de discriminação cujo alvo é a raça. Ele pode ser manifestado através de ações conscientes ou inconscientes, como: falas pejorativas, agressão física e verbal, rejeição cultural, segregação e exclusão dos povos étnico-raciais. Essas práticas acarretam em desvantagens para os indivíduos negros que acabam na maioria das vezes, excluídos de seus próprios direitos políticos e sociais.

Considera-se ainda que o ambiente escolar é o melhor lugar de discussão sobre negritude e racismo, devido ao seu papel relevante desempenhado na formação social dos sujeitos, o que torna o espaço educacional um local propício para debates sobre práticas de racismo e discussões sobre a responsabilidade da equipe docente no combate às ações de discriminação étnico-raciais no contexto de ensino-aprendizagem (ROZÁRIO; SILVA; LIMA, 2020).

Partindo dessas considerações, pode-se afirmar que a escola se apresenta como um lugar onde há a manifestação de diferentes valores, classes sociais e culturas étnico-raciais. Mello (2020), aponta que a educação possui um papel necessário na prevenção e no combate às práticas racistas no país. Entretanto, toda essa diversidade se choca e implica em desigualdade entre as pessoas de diferentes grupos, seja pela cor da pele, religiosidade ou opção sexual.

O complexo histórico das identidades negras brasileiras, se deu através da escravatura do negro no período de colonização no Brasil, e é reforçado nas práticas de exclusão e discriminação racial sofridas pela classe negra. Atualmente, há divergências acerca da nomenclatura correta para se referir à população negra, porém mais do que denominação de cor, esse termo está ligado a uma categoria política composta por pardos e pretos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Em nossa sociedade, são atribuídos aos negros, aspectos de desvalorização de suas competências e habilidades, devido ao preconceito racial e, infelizmente, esta generalização se propaga na sala de aula. A maioria dos educadores

subestimam a capacidade de seus alunos negros e nutrem uma baixa perspectiva em relação a suas habilidades cognitivas (BERNARDO; MACIEL, 2015).

Estas atribuições se devem à internalização da representação negativa do negro na mídia e nos materiais pedagógicos, um prejulgamento criado para justificar a sua dissensão social desde o processo de escravidão no Brasil. Isso interfere na socialização das crianças, pois aprendem e reproduzem ações e valores preconceituosos.

Por outro lado, os alunos negros são fortemente impactados pelo discurso de marginalização e exclusão, o que influencia ao desinteresse pelos estudos e a evasão escolar. Isso se comprova a partir da necessidade extra de políticas públicas que contemplem as vulnerabilidades.

2.2 O racismo no contexto escolar

O racismo é consequente de um processo crescente que objetiva o uso de mão de obra barata, através da exploração dos povos colonizados, para gerar riqueza e poder. A prática do racismo sobreviveu até os dias atuais sendo transmitida por gerações, consolidando-se por preconceitos, discriminações e estereótipos (SANT'ANA, 2005). Assim, o racismo atualmente ainda é muito forte, fazendo-se presente em diversos âmbitos, inclusive o escolar.

O racismo no contexto escolar é cometido através da ideia de inferioridade do negro (uma das maiores vítimas do racismo no Brasil) que é diariamente reforçada por meio de estereótipos ruins contidos nos recursos didáticos, como também de acordo com Silva (2005), o docente inconscientemente pode mediar esses estereótipos por ser formado sem uma visão crítica e por uma teoria tecnicista e positivista.

Para Silva Jr. (2002), a discriminação racial nos institutos escolares conformam situações de agressões de caráter físico, moral e psicológico. Essas situações influenciam na formação da identidade do sujeito, uma vez que é no ambiente escolar que é construída a identidade, que por sua vez, dependerá da maneira que foi construída (ROOS, 2010). A identidade inicia-se a partir da imagem tida de si mesmo e do olhar do 'outro'. Partindo dessa perspectiva, a identidade demarca a existência do sujeito, bem como, direciona como ele irá socializar (GOMES, 2007, apud, PASTORIZA 2022).

De acordo com Cenpec (2020), o racismo estrutural no ambiente escolar e manifesta-se de modo mais sutil e subentendido. É explícito quando se trata de preconceito, discriminação ou injúria racial. Entretanto, com relação ao racismo estrutural, é certo afirmar que ele não nasce com o sujeito, mas está contido nas estruturas, sendo assim, está conectado naquilo que baseia as relações.

Quando uma criança negra ouve de seus colegas de classe apelidos racistas e o corpo docente responsável pela instituição, simplesmente ignora ou trata o ‘assunto’ como uma simples ‘brincadeira de mau gosto’ entre crianças, ocorre o silenciamento diante de um ato racista, ou seja, manifesta-se o racismo estrutural. Mesmo que os profissionais não apoiem tal situação e se sintam incapazes diante das circunstâncias, e optam pelo silêncio, esses ‘profissionais’ compactuam com o racismo estrutural (CENPEC, 2020).

O racismo estrutural não tira a responsabilidade de indivíduos que foram racistas, bem como não é álibi para esses sujeitos. É necessário compreender que o racismo é estrutural, desse modo, não precisa ser intencional para se manifestar (ALMEIDA, 2019). O racismo é um fenômeno social complexo que faz presente das instituições escolares. Assim, se o ambiente escolar pode reproduzir o racismo, pode também ser um espaço de desconstrução e superação do racismo.

2.3 As práticas de racismo implícitas nas ações pedagógicas

A lei 10.639, sancionada em janeiro de 2003 no Brasil, tornou obrigatório no ensino fundamental e médio o estudo da história e cultura afro-brasileira. A seguinte Lei determina que todas as escolas de ensino público e particular nos níveis fundamental e médio, implementem o ensino da história e da cultura do negro no Brasil (BBC NEWS BRASIL, 2020). Desta forma, é necessário que os professores do ensino fundamental dos anos iniciais conheçam a lei. O conhecimento da cultura afro-brasileira desenvolveria o autoconhecimento dos jovens negros em relação aos seus povos, e faria com que eles entendessem a valorização de sua etnia.

Porém, o não cumprimento da Lei 10.639/2003, torna-se evidente quando o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, se resume a projetos étnicos-raciais sobre datas comemorativas, como o ‘Dia da consciência negra’, que é comemorado no dia vinte de novembro. Assim como no silenciamento sobre as práticas de discriminação racial no contexto do cotidiano escolar.

As sutilezas do racismo, passam ‘despercebidas’, aos olhos daqueles que deveriam apropriar-se de tais conhecimentos, para impedi-los de acontecer. Ao contrário, se cegam e se calam, diante de um preconceito que acontece bem ali, diante dos olhos. Por isso, a maioria dos episódios de discriminação racial são tratados como mecanismos da prática do *bullying* por falta de conhecimento dos educadores.

Para Rozário, Silva e Lima (2020, p. 71),

A escola tornou-se espaço de transformação e pode ser reafirmada como local de construção de conhecimentos, a partir de ideais que ampliem os saberes de reconstrução de saberes e permitam aos professores e alunos a formação integral dos sujeitos como integrantes de uma sociedade o que legitima a luta pelo Movimento Negro.

Segundo uma reportagem da BBC News Brasil (2020), políticas públicas foram criadas com o intuito de diminuir as consequências causadas pela desigualdade racial, tais como o Decreto 4.886/2003, que determina a Política Nacional da Promoção da Igualdade Racial (PNPIR) e a Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura Africana e Afro-brasileira no ensino fundamental.

Porém, destaca-se que na prática docente, há poucas contribuições para o fim do preconceito racial na escola, pois suas ações ainda banalizam e normalizam o racismo escolar, através de metodologias de ensino, falas e atitudes carregadas de preconceito velado em atividades pedagógicas realizadas (TUONO; VAZ, 2017).

Para que haja uma melhora das relações raciais dentro da escola é preciso equipar os profissionais da educação e conscientizá-los sobre os deveres do processo educacional que deve ser inclusivo e formador de pensamento crítico (MACEDO, 2016).

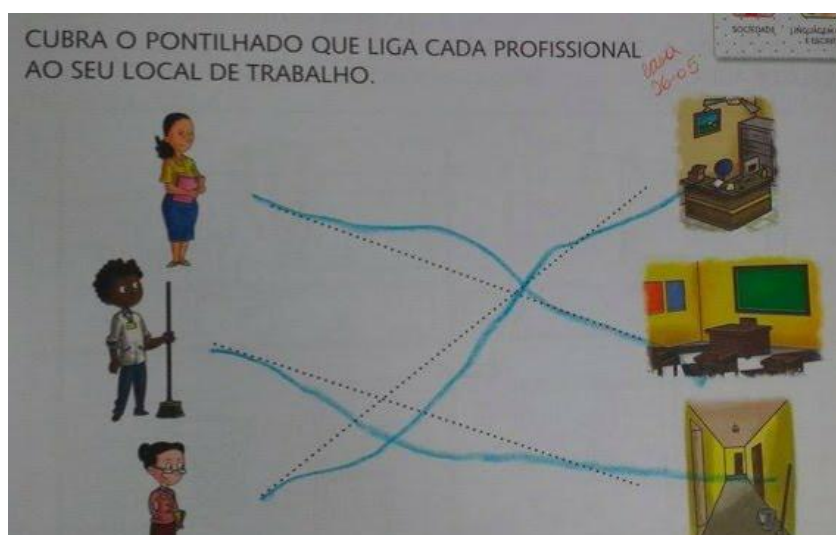
A responsabilidade de se reinventar e de transformar os saberes que serão transmitidos, é uma das funções da prática docente que possui o dever de transmitir e produzir debates acerca da extinção do racismo institucional no contexto escolar, para que haja a partir destas discussões, um entendimento consciente sobre o verdadeiro papel do negro e de sua contribuição para a sociedade.

2.4 As formas de racismo, implícitas nos materiais didático-pedagógicos

Ao livro didático, é atribuída suma importância e veracidade, o que o torna também fonte de disseminação de estereótipos que passam despercebidos pelo professor (SILVA, 2005). A falta de material pedagógico leva o professor a recorrer

apenas ao livro didático a fim de passar um conhecimento legitimado. Assim, o educador acaba por não adequar o livro à realidade de seus alunos.

De acordo com Sant'Ana (2005), dados levantados sobre o racismo nos livros didáticos apontam que em ilustrações e textos, os negros aparecem pouco e quando aparecem são retratados de forma estereotipada e desumanizada; não são retratadas famílias negras. Ademais, no que diz respeito à formação étnica no Brasil, são mencionados apenas o negro e o indígena; as contribuições da tradição dos povos africanos não são referenciados; o negro é retratado de forma animalizada ou em papel subalterno:



Fonte: Extra Globo (2017).

Figura 1 – Personagens e suas profissões.

Castro, et al. (2014) afirma que é necessário que o docente use o livro didático para trabalhar a diversidade, entanto muita das vezes o próprio livro pedagógico tem como predominância, a cultura branca, em relação à cultura negra. Para Silva (2005), o livro pedagógico apresenta o negro como uma raça inferior às demais, atribuindo qualidade positiva ao branco e negativa ao negro. Dessa forma, o negro internaliza uma imagem ruim de si mesmo e uma boa imagem do branco, o que leva-o a buscá-la.

Logo, é através do estereótipo que ideologias são veiculadas nos materiais pedagógicos o que acarreta em preconceitos. Esses estereótipos contidos nos livros didáticos gera a exclusão, baixa autoestima, auto-rejeição e leva a ideia internalizada que o negro deve ocupar apenas cargos estigmatizados pela sociedade (SILVA,

2005). O estereótipo leva ao preconceito que por sua vez, instala-se no inconsciente e faz com que se tenha um pré-julgamento negativo sobre alguém.

2.5 A formação do professor em relação às práticas antirracistas

“Estudar a formação do professor no que toca à sua visão sobre o negro, é crucial para se perceber em que medida a escola está preparada para lidar com a questão racial” (SANT’ANA, 2005, p.55).

Segundo Gomes (2005, p. 148):

O entendimento conceptual sobre o que é racismo, discriminação racial e preconceito, poderia ajudar os (as) educadores (as) a compreenderem a especificidade do racismo brasileiro e auxiliá-los a identificar o que é uma prática racista e quando esta acontece no interior da escola. Essa é uma discussão que deveria fazer parte do processo de formação dos professores.

De acordo com Bernardo e Maciel (2015), quando questionados, professores e gestores afirmam não haver a ocorrência de práticas racistas em sua escola, somente bullying. Percebe-se, que o preconceito racial está tão velado, que os próprios profissionais não percebem a diferenciação entre duas práticas distintas.

Segundo Sant’Ana (2005), através da entrevista feita por Vera Moreira Figueira (1990), constatou-se que o professor perpetua e reproduz o preconceito racial entre os alunos, seja por omissão, declarações racistas e por tratar a questão como um problema inexistente.

De acordo com Gomes (2005) é imprescindível que o professor se coloque na fronteira sobre esse debate e que, ao exigir posturas diante da questão racial, passe a tornar uma realidade, não somente dos movimentos, mas também dos docentes, dos sindicatos e dos centros de formação de professores.

Moura (2005), enfatiza que para poder desenvolver uma educação concordante à realidade sociocultural brasileira é necessário que haja professores capacitados a lidar com a especificidade do contexto educacional que se está inserido.

Acredita-se ser possível formar o professor dos anos iniciais para que utilize de forma crítica os recursos didáticos, desconstruindo a ideologia que desumaniza e desqualifica o negro e reconstruindo a identidade étnica racial e autoestima de crianças negras e assim garantir direitos de cidadania (SILVA, 2005).

2.6 Práticas pedagógicas antirracistas

De acordo com Lopes (2005), a sociedade brasileira é multirracial e pluriétnica, mas finge que o racismo e o preconceito não existem. No entanto, manifestam a todo instante, ora de modo velado, ora escancarado, fazendo-se presente diariamente. Os negros e os indígenas têm sido os mais discriminados na trajetória do Brasil. O autor afirma que essa questão deve ser abordada no âmbito escolar, bem como incluída objetivamente no currículo para que o aluno possa identificá-los e combatê-los e assim criar cidadãos igualitários, a respeito das diferenças que possam haver.

Além disso, importância de ressaltar uma educação para as relações culturais, está firmada em práticas pedagógicas antirracistas, que devem ser pensadas para todos os sujeitos da aprendizagem, envolvendo educadores e estudantes de todos os grupos étnico-raciais, uma vez que, segundo Gomes (2008, p.73), “os outros grupos étnico-raciais presentes nessa instituição, sobretudo o segmento branco, também usufruirão dessa mudança”.

Portanto, a Lei nº 10.639/03 possui grande relevância na reeducação dos sujeitos para atuarem em uma sociedade estruturada pelo racismo e discriminação. Sendo assim, a prática pedagógica do professor, para atender ao que determina a referida lei, deve “[...] aprender incluindo o desaprender para reaprender [...]” (WALSH, 2010, p. 222).

De acordo com Oliveira (2016, p. 174),

As práticas dos educadores nas salas de aulas não se desenvolvem ocasionalmente, não são resultados apenas de seus aspectos pessoais (suas crenças, valores, expectativas), mas refletem o tipo de cultura da instituição, considerada no contexto mais amplo das políticas de reformas e mudanças educacionais que exercem influências no cotidiano da escola e, conseqüentemente, nas ações pedagógicas.

Desse modo, a obrigatoriedade do cumprimento da Lei nº 10.639/03, adentra os espaços escolares como uma política de reparação das desigualdades raciais na educação. “Um avanço significativo carregado de tensões políticas é reconhecer a centralidade da diversidade em nossa história social, econômica, política, cultural e pedagógica” (ARROYO, 2014, p.136), que implica na reestruturação das práticas pedagógicas direcionadas a atender a magnitude que a lei representa para o campo de lutas das relações étnico-raciais no Brasil.

Um ensino voltado para a produção do conhecimento, assim como para a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos para (e na)

diversidade étnico-racial, significa a compreensão e a ampliação do direito à diferença como um dos pilares dos direitos sociais. Implica também a formação de ações subjetivas diante das práticas racistas e com conhecimento teórico-conceitual mais aprofundado sobre a África e as questões afro-brasileiras (GOMES, 2012, p. 22).

Professores e alunos devem compartilhar saberes e construir juntos novos conhecimentos acerca do racismo, preconceito e discriminação enraizados na sociedade. Assim, constroem-se coletivamente aprendizagens de melhor qualidade. A educação escolar deve auxiliar professores e alunos a compreenderem que a diferença étnica é saudável e enriquecedora, e que é necessário valorizá-la para assegurar a democracia (LOPES, 2005).

Um exemplo desta ação, é o que explica Lopes (2005) quanto a adoção de situações interessantes junto à criança acerca das semelhanças e diferenças entre os integrantes da sala, inclusive o docente. Exemplo: formar um círculo e questionar 'Quem sou?' e 'Como sou?'. Fazer com que se apresentem e observar a reação dos alunos. O autor expõe que também é interessante escolher com os alunos, textos, poesias e canções que abordam os direitos humanos e os direitos da criança. Cantar, encenar, conhecer sobre os autores, bem como, trabalhar com autores negros brasileiros.

Oliveira (2016), afirma que a educação para as relações étnico-raciais que cumpre o seu papel é aquela em que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos negros e brancos, ao passarem pelos espaços escolares, questionem a si mesmos nos seus próprios preconceitos, tornem-se dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendem como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e dominação.

Para Lopes (2005), a proposta pedagógica deve ser voltada para a valorização das pessoas, povos e nações, em um combate permanente ao preconceito e as situações de racismo e discriminação enfrentadas diariamente.

O caráter emancipatório das determinações do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem contribuído para legitimar as práticas pedagógicas antirracistas já existentes, instiga a construção de novas práticas, explicita divergências, desvela imaginários racistas presentes no cotidiano escolar e traz novos desafios para a gestão dos sistemas de ensino, para as escolas, para os educadores, para a formação inicial e continuada de professores e para a política educacional.

3 METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo compreender a manifestação do racismo nos anos iniciais do ensino fundamental, além de reportar a postura do educador diante das ações adotadas em sala de aula, que integram de modo implícito, o racismo no ambiente educacional. Para alcançar os objetivos adotou-se a pesquisa bibliográfica, que conforme dispõe Gil (2002), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Enquanto que Severino (2007) disserta que a pesquisa bibliográfica promove o registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados, quando há contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007).

O aludido estudo tem caráter exploratório, assim trilha caminhos da pesquisa, por isso, faz-se necessário evidenciar os fios metodológicos, que orientarão os caminhos que sustentaram o percurso da pesquisa.

Ao final das leituras e interpretações das pesquisas, far-se-á a interpretação da pesquisa norteando como o professor dissemina o racismo de modo velado nos anos iniciais do ensino fundamental. Além de identificar a melhor maneira do professor trabalhar o racismo no âmbito escolar e, retratar o seu papel no combate ao racismo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo abrangente sobre a manifestação do preconceito racial nos primeiros anos escolares. Identificamos através de pesquisas sobre o tema, obras relevantes de nomeados. De modo geral, buscou-se identificações sobre o papel do docente na reprodução e disseminação do racismo no ambiente escolar e a sua relevância no combate a práticas racistas.

Especificamente, analisamos o contexto das práticas racistas no Brasil, onde são dissimuladas e banalizadas as agressões sofridas pelas vítimas, a favor de seus agressores, ou seja, naturaliza-se o preconceito racial. Foi possível perceber que no país, as pessoas negras continuam imperceptíveis, da mesma forma que sua participação na sociedade.

Relatou-se algumas práticas de racismo no contexto escolar, que é cometido através da ideia de inferioridade do negro, em que é diariamente reforçada por meio de estereótipos contidos nos recursos didáticos, como também, o docente inconscientemente pode vir a mediar esses estereótipos por não possuir formação e preparo adequado para o enfrentamento de práticas racistas.

Foi possível identificar algumas práticas de racismo nas ações dos professores, e destacou-se que na prática docente há poucas contribuições para o fim do preconceito racial nas escolas, pois suas ações ainda banalizam e normalizam o racismo escolar, através de metodologias de ensino, falas e atitudes carregadas de preconceito velado e atividades pedagógicas realizadas.

Verificou-se e descreveu-se formas de racismo implícito nos materiais didáticos-pedagógicos, sobretudo, em ilustrações e textos, do qual o negro é pouco evidenciado e/ou aparece estereotipado negativamente. Ainda pôde ser observado, que os estereótipos contidos nos livros didáticos geram a exclusão, baixa autoestima, e a autorrejeição do aluno negro, tendo como consequência a ideia internalizada que o negro deve ocupar apenas cargos estigmatizados pela sociedade.

Também se discutiu a respeito da formação do professor em relação as práticas antirracistas, ressaltando a importância de uma educação para as relações culturais, firmada em práticas pedagógicas antirracistas, que devem ser pensadas para todos os sujeitos da aprendizagem, envolvendo educadores e estudantes de todos os grupos étnico-raciais.

Por fim, com base em estudos teóricos pôde-se perceber a maneira com que o professor dissemina o racismo de modo velado nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo uma das principais causas, a falta de formação adequada do docente e de todos os profissionais envolvidos no âmbito educacional, diante à problemática exposta.

REFERÊNCIAS

ABE, Stephanie Kim. **O racismo estrutural na escola e a importância de uma educação antirracista**. São Paulo: Cenpec, 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2014.

BERNARDO, Teresinha; MACIEL, Regimeire Oliveira. **Racismo e educação: um conflito constante**. São Paulo: Contemporânea, 2015. p. 191-205.

BERTOLUCCI, Rodrigo. **Mãe denuncia racismo em livro didático de escola privada em Recife; editora rebate**. Extra, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/extra.globo.com/noticias/brasil/mae-denuncia-racismo-em-livro-didatico-de-escola-privada-em-recife-editora-rebate-21436592.html%3fversao=amp>>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

CASTRO, Adriana Rosicléia Ferreira et al.. **Racismo na escola: o livro didático em discussão**. Anais V SETEPE. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/8269>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações raciais: referências técnicas para a atuação de psicólogas/os**. Brasília: CFP, 2017.

GADEA, C. A. **Negritude e pós-africanidade: críticas das relações raciais contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Maria Vera (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 67-89.

_____. Apresentação. In: **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**/Nilma Lino Gomes (org.) - Brasília: MEC: Unesco, 2012b (p 7- 16).

_____. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo Na Escola**. 2. Ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 146-154.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Véra Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo Na Escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. P. 186-200.

MACEDO, A. M. R. M. **O racismo no ambiente escolar: Como enfrentar esse desafio?** Revista Porto das Letras, v. 2, n. 1. Estudos Linguísticos, set. 2016.

MADUREIRA, Daniele. **Racismo**: como a educação brasileira acentua desigualdade racial e apaga os heróis negros da história do Brasil. São Paulo: BBC News Brasil, 2020.

MELLO, Marina. **Racismo**: como a educação brasileira reforça o preconceito e apaga os heróis negros da história do Brasil. Estado de Minas. 2020.

MOURA, Glória. **O direito à diferença**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo Na Escola. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. P. 69-82.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em 23 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **A razão do outro**: uma perspectiva histórica intercultural como referência para a educação. In: CANDAU, Vera Maria (org.) Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma Educação “outra”? Rio de Janeiro: 7 letras, 2016, p. 174- 187.

PASTORIZA, Ronildo Neumann. Manifestações racistas no contexto escolar. **Brazilian Applied Science Review**. Curitiba, 2022.

ROOS, Roseli Rezende. **O preconceito racial no contexto escolar**. Porto Alegre, 2010.

ROZÁRIO, Nairana da Silva Lima do; SILVA, Gabriele Fonseca da; LIMA, Mayara da Rocha. **A reprodução do racismo no contexto escolar**: um relato de experiência. Petrópolis, 2020.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na Escola. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. P. 39-60.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na Escola. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-33.

SILVA Jr., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. UNESCO, Brasília, 2002.

TUONO, N. E. F.; VAZ, M. R. T. **O racismo no contexto escolar e a prática docente**. Debates em Educação, v. 9, n. 18, 2017.

WALSH, Catherine. **Estudos (inter)culturais na chave descolonial**. Tabula Rasa. 2010, n.12, pp.209-227.